

Colatina. Impasse com donos do terreno impede reforma

Reconstrução de Iate Clube é viável, diz Crea

Laudo emitido pela entidade foi pedido pela prefeitura em maio; a intenção é reconstruir o imóvel

VIVIANE CARNEIRO
vcarneiro@redgazeta.com.br
COLATINA

■ Depois de ter vistoriado com uma equipe técnica o Iate Clube de Colatina, Noroeste do Estado, em maio, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Espírito Santo (Crea-ES) constatou que a estrutura da edificação ainda pode ser recuperada com segurança. O resultado do laudo foi divulgado ontem.

Mesmo com a possibilidade de reforma, no relatório elaborado pelo Crea aponta a situação atual do imóvel: com “sinais de envelhecimento e abandono, falta de manutenção e lajes demolidas, que expõem destroços da armadura de ferro e de concreto”. Com um bom projeto, porém, a entidade afir-



DESCASO. Em outubro de 2010, os donos tentaram demolir clube

ma que é possível recuperar as características originais.

O tradicional clube teve cerca de 30% de sua estrutura demolida pelos donos do imóvel em outubro de 2010. A destruição do clube foi interrompida pela PM, já que não havia autorização da

prefeitura. Construído na década de 1960, o local é considerado um marco social, cultural e arquitetônico de Colatina.

IMPASSE

A Prefeitura de Colatina informou que a administração ainda

não recebeu o laudo oficialmente, e que só vai se pronunciar após recebê-lo. Porém, durante a vistoria, o prefeito Leonardo Deptulski chegou a falar da intenção de reconstruir o clube.

No ano passado a prefeitura chegou a acionar a Justiça para tentar reaver o terreno, que havia sido doado aos sócios do Iate na época da construção, mas desistiu da ação. Por enquanto, o impasse entre a demolição total do clube – que é o desejo dos sócios – e sua reconstrução – intenção da prefeitura, segue indefinida.

A Comissão de Liquidação do Iate Clube informou que o imóvel foi colocado à venda em função de dívidas antes da tentativa de demolição. Como nenhum comprador manifestou interesse, os sócios optaram por destruí-lo, pois acharam que seria mais fácil a venda do terreno. Eles não informaram o valor total da dívida, mas disseram que a cada mês ela aumenta em cerca de R\$ 10 mil.

VIVIANE CARNEIRO/ARQUIVO